

BIBLIOTECA JOSÉ BAYOLO PACHECO DE AMORIM. UM BREVE OLHAR SOBRE AS MARCAS-DE-ÁGUA DE DOCUMENTOS IMPRESSOS EM PORTUGAL (SÉC. XVI-XVIII)

Paula Alexandra da Costa Leite Pinto Pereira

Docente do Instituto Politécnico de Tomar - Escola Superior de Tecnologia

ppinto@ipt.pt

RESUMO

Este estudo serve como testemunho revelador de um património que importa tanto salvaguardar como sobretudo valorizar, e de uma experiência bibliográfica construída no contacto com algumas centenas de livros, à guarda do Centro de Documentação e Arquivo da Biblioteca do Instituto Politécnico de Tomar, sendo urgente a sua inventariação, catalogação, restauro e conservação!

Resultando do trabalho de diferentes intervenientes, o livro adquire uma imagem própria, pelo uso do papel produzido manualmente, estilo da sua composição tipográfica, riqueza ornamental e encadernação, que serve de clima ao texto, ultrapassando, por vezes o ambiente estético criado pelas necessidades da obra.

Então, para entender o livro, importa partir do seu estudo atento como objeto de arte, em primeiro lugar na sua materialidade e nos valores simbólicos que incorpora, na complexidade dos processos de fabrico, bases onde deve assentar qualquer reflexão sobre a natureza cultural e artística deste objeto privilegiado da nossa cultura.

PALAVRAS CHAVE

marcas-de-água, preservação de documentos, bibliotecas particulares, estudo do livro.

SUMMARY

This study shows as a revealing testimony of a patrimony that matters as much to preserve as to valorize, a bibliographic experience built in contact with some hundreds of books, in guard of Center of Documentation and Archive from Instituto Politécnico de Tomar Library, being urgent its inventory, cataloging, recovering and preservation!

As result of different intervenients work, the book acquirers its own image, because of the use of the manually produced paper, a style of his own typographic composition, ornamental richness and bookbinding, which serves as a clime to the text, overtaken, sometimes his aesthetic environment created by the needs of the literary work.

So, to understand the book, it matters to start its systematic study as an object of art, in first place its materiality and the symbolical values that symbolize, the complexity of the fabric process, bases where it should settle any reflexion about cultural and artistic nature of this privileged object of our culture.

KEYWORDS

watermarks; preservation of documents; private libraries; study of the book.

Introdução

O livro antigo nesta biblioteca, como objeto de arte, tornou-se a base do meu estudo, não só como património histórico doado ao CDA da Biblioteca Central do Instituto Politécnico de Tomar em 2010, mas como testemunho revelador de um património que importa tanto salvaguardar como sobretudo valorizar, porque independentemente de, no período posterior à realização deste meu estudo em 2004, o ainda proprietário da biblioteca, Doutor José Bayolo Pacheco de Amorim, ter decidido vender alguns exemplares, a verdade é que não existindo qualquer catalogação anterior deste espólio, toda a documentação analisada foi catalogada por mim para o efeito, não fazendo sentido excluir alguns documentos, só pelo facto de terem sido retirados do espólio pelo seu legítimo proprietário, enquanto este ainda se encontravam à guarda da biblioteca do IPT.

A defesa do património bibliográfico será tanto mais fundamentada quanto maior for o esclarecimento em relação à sua materialidade e tipologia, portanto, existindo já, estudos realizados sobre o livro impresso em Portugal entre os séculos XV a XVIII, julgo ser positiva esta minha investigação no sentido de se poder disponibilizar conteúdos mais técnicos sobre a produção do livro em Portugal.

Também, a criação de uma base de dados digitalizada, com temáticas específicas, permite uma pesquisa original: na área da impressão, porque identifica as casas impressoras; na área da encadernação, porque disponibiliza encadernações técnica e materialmente diferenciadas; na área da gravura, porque na observação estética e técnica das gravuras executadas por diferentes gravadores e processos de impressão, se reconhece e valoriza a evolução desta arte, quer no estudo da arquitetura das capitulares ornadas, quer no levantamento de ex-libris de diferentes possuidores; na área do douramento, onde nas diferentes lombadas e pastas decoradas estão identificados os diferentes estilos decorativos com ferros de dourar de várias épocas; na área dos papéis decorativos/marmoreados aplicados nas guardas e pastas das encadernações, permitindo a identificação de diferentes técnicas de elaboração; na área do estudo da produção de papel, onde o levantamento de marcas-de-água dos papéis impressos se torna essencial, no estudo da produção papelreira em Portugal, onde Tomar teve um papel importante na história, impulsionando, este facto, a instalação do Instituto Politécnico de Tomar na região.

Os pontos de interesse passíveis de serem extraídos diretamente deste breve estudo sobre o livro antigo em Portugal, a disponibilizar brevemente na página do CDA-IPT, traçam a história da formação da própria biblioteca, assim como levantam um conjunto de questões que dizem respeito:

- Ao modo como os livros foram escolhidos e lidos pelos proprietários, não esquecendo o seu notável percurso académico;
- Ao modo como a coleção sofreu os efeitos das deslocações dos seus proprietários, ao longo da vida, traçando uma breve história do ingresso do acervo na biblioteca do IPT;
- Às questões sobre a importância do estudo de coleções particulares, na contribuição para o estudo da história do livro impresso em Portugal, assim como no estudo da sua edição.

A coleção de livros antigos, que integra a biblioteca José Bayolo Pacheco de Amorim, formou-se recentemente, mas podemos prever toda uma tradição bibliófila anterior, com uma origem familiar muito forte, expressando o carinho e dedicação de uma vida, ao serviço da cultura e da arte, de que o seu proprietário não se cansava de elogiar.

Referência à produção papelreira em Portugal

O livro é mais do que o reflexo da transmissão de cultura, é também o reflexo de uma das maiores revoluções técnicas da humanidade, ocorridas entre os séculos XV e XVIII. O registo escrito sobre suporte físico, sempre foi considerado de extrema importância, desta forma, o objeto do meu estudo “o livro”, teve necessidade de se adaptar aos diferentes leitores, cujo perfil foi sendo definido ao longo do período em análise. A ligação entre o livro impresso e a liturgia é bastante evidente no início da sua produção, pois num período em que a igreja domina a transmissão da cultura, o livro torna-se um instrumento de poder, e também, um bem material, fazendo todo o sentido o seu estudo atento como objeto, desvendando os seus materiais e processos de impressão.

Aquilo que pretendo demonstrar com este meu trabalho, é que na realidade, para além da mensagem que cada documento transmite, “o livro” pode sempre ultrapassar o mero discurso e situar-se no campo dos objetos artísticos. Ao longo da história, este objeto, vai mudando os materiais de suporte de escrita, que foram durante muito tempo materiais rígidos e de difícil manuseio até à aplicação do pergaminho e papel, permitindo logo de seguida a sua alteração enquanto forma, com estilos e composições tipográficas diferenciadas, onde se evidenciam a presença de capitulares ornadas, gravuras e outros materiais decorativos, que vão enriquecer a mensagem escrita.

Mas a sua imagem enquanto objeto também se alterou, porque a sua produção acompanhou o desenvolvimento tanto da tipografia como da gravura, e rapidamente se tornou um objeto colecionável

assim como objeto de mercado¹, prática restrita nos campos da escultura e da pintura, por via das necessidades criadas pela evolução da própria sociedade, tornando-se mais acessível às diversas camadas sociais, ao mesmo tempo que cresciam as bibliotecas universitárias² e a produção de papel, sem o qual não teriam sido conhecidas grandiosas conquistas, já que o pergaminho, suporte por excelência da escrita manuscrita, não era adaptável à impressão. O livro impresso é assim, um produto de mercado, resultado do trabalho de diferentes intervenientes, sujeito a regras específicas de produção, em que se devem considerar vários fatores dos quais, o papel aparece em primeiro lugar por ser a base de impressão .

Um breve olhar sobre as marcas-de-água nos livros impressos em Portugal (Séc. XVI-XVIII)

A crescente procura de papel como suporte da impressão tipográfica é um dado histórico conhecido depois da invenção de Gutenberg em 1454. A invenção dos caracteres em metal fundido³, constituiu-se como uma indústria especializada paralela à tipografia. A produção do livro em relação ao códice manuscrito, mesmo sendo considerada uma reprodução artificial⁴ impulsionou a necessidade de procura de papel como suporte de impressão numa altura em que a produção do livro litúrgico e mais tarde universitário, levou ao crescimento de bibliotecas humanistas, com um crescente interesse pelo livro por parte de camadas sociais cada vez mais amplas⁵. O papel sem o qual não teria sido viável o aparecimento da imprensa e do livro, já que o pergaminho, suporte por excelência da escrita manuscrita, não era adaptável à impressão, foi introduzido na Europa por mercadores genoveses e venezianos no século XII, através das relações islâmicas, e a sua indústria espalhou-se na Europa a partir da cidade italiana de Fabriano.

Sousa Viterbo⁶ nos seus estudos, referenciou a indústria de papel mais antiga de Portugal: uma carta

1 PANOFKY Erwin relacionou a arte gótica e a filosofia escolástica (PANOFKY Erwin, *Architecture Gotique et Pensée scolastique*, trad. e posfácio de Pierre Bourdieu. Paris, Ed. de Minuit, 1974). Pela mesma ordem de razões é legítimo estabelecer uma relação entre a escrita e o livro e a lógica duma determinada época que os construiu. (R. Marichal, *L'écriture et la civilisation occidentale du 1.er siècle*», in *Centre International de Synthèse*, «L'écriture et la psychologie des peuples.» - XXIIe semaine de Synthèse. Paris, Armand Colin, p. 232 - 233; Horácio Peixeiro, *A construção da página do livro manuscrito*, Prova pedagógica para Prof. Coord., IPT. 1999).

2 No século XVIII Portugal entra neste circuito de desenvolvimento da leitura com a criação de importantes bibliotecas no convento de Mafra e na Universidade de Coimbra: a primeira, monástica, chegou a ter perto de 38.000 volumes, que ainda guarda actualmente e que são, na sua maior parte, edições dos séculos XVII e XVIII; a segunda, Universitária, fruto de colecções várias e de importante doação régia, foi alojada em novo edifício, construído entre 1717-1728, notável também pela beleza barroca da sua estanteria, construída em madeiras exóticas brasileiras. A Real Biblioteca Pública, depois Biblioteca Nacional, foi criada no final do século, reinado de D. Maria I (1796).

3 Ver: AUDIN, Maurice, *Histoire de l'Imprimerie - Radioscopie d'une ère: de Gutenberg à l'informatique*. Paris, J. Picard, 1972, pp. 83-94.

4 Os incunábulos oferecem grande interesse pelos textos que contêm representando as primeiras edições impressas de manuscritos. Permitindo a comparação entre formas e tamanhos dos diferentes caracteres.

5 MARTIN, Henri-Jean, *Histoire et pouvoir de l'écrit*, Paris, Perrin, 1988.

6 VITERBO, Sousa, *Artes e indústrias em Portugal: O vidro e o papel*, Coimbra, 1903.

de D. Afonso V, de 27 de Fevereiro de 1441, concedendo privilégios a Fernão Rodrigues para poder fazer o transporte de carro, da traparia destinada a certos moinhos de papel⁷ situados em Leiria. É ainda este autor que, referencia nos seus estudos a existência de moinhos de papel em Fervença, Batalha e Alcobaça.

Com a chegada do século XVIII, intensifica-se a produção de papel em Portugal, este período está bem representado no levantamento de marcas-de-água desta biblioteca.

“O primeiro local com características industriais foi, certamente, a Lousã... abasteceu em Coimbra a Imprensa do Colégio de Jesus e depois a Imprensa da Universidade, após a sua criação pela reforma Pombalina de 1772. O Regimento da Imprensa da Universidade de Coimbra de 9 de Janeiro de 1790 determina a existência de uma fábrica de papel por sua conta; mas, nesse ano, são ainda adquiridas aos irmãos Polleri, negociantes estabelecidos em Lisboa, algumas balas de papel de marca maior e de marca grande vindo de Génova⁸. A fábrica de papel de Queluz, fundada pela firma Henrique Schumacher & C.^a em 1775, com Alvará de 27 de Julho desse ano, ficava localizada na estrada para Sintra, passando em 1814 para as mãos de Pedro Luís de Oliveira, produzindo exclusivamente para o consumo de Lisboa. Em Moreira de Cónegos, Guimarães, vamos encontrar uma fábrica com o nome de Fábrica de Papel de São Payo, fundada em 1787, por António Álvares Ribeiro de Lima & C.^a, do Porto. Próximo existiu, também, a Fábrica de Papel do Couto de Refóios, que em 1813 se encontrava na mão de Manuel José de Sousa Lobo. Nos finais de 1790, é fundada a Fábrica de Papel de Alenquer⁹ por José António da Silveira, no mesmo local do antigo moinho quinhentista de Manuel Teixeira, já referido, no início da atividade papelreira no nosso país”.¹⁰

Pude concluir que, havendo efetivamente alguma atividade papelreira em Portugal, não era de todo suficiente para satisfazer as necessidades da produção tipográfica da época, importando-se grandes quantidades de papel, nomeadamente de países da Europa, maioritariamente de Espanha, Itália, Génova e França, cujo testemunho são as marcas encontradas nos documentos da biblioteca.

7 Muitos destes moinhos resultavam, como se compreende e como acontecia noutras regiões europeias, do aproveitamento de engenhos já existentes para o fabrico tradicional de farinha.

8 ALMEIDA, Manuel Lopes de, Livros, livreiros, impressores em documentos da Universidade, Coimbra, Arquivo de Bibliografia Portuguesa, 1964-1966.

9 Outras fábricas importantes surgiram no século XIX, que caem, portanto, fora do âmbito temporal do nosso trabalho, tais como em 1818 a Fábrica Renova de Torres Novas, nas margens do rio Almonda, no lugar de Zibreira, fundada por Domingos Ardisson; a Fábrica de Papel do Prado, em Tomar, junto ao rio Nabão, fundada por Henrique de Roure Pietra em 1836 e vendida em 1875 a um grupo de capitalistas do Porto; em 1881 a Fábrica da Marianaia, fundada pelo Visconde de Vila Nova da Rainha e a Fábrica do Sobreirinho, do concelho de Tomar, aproveitavam as águas do rio Nabão; a Fábrica de São Paio de Merelim em Braga, mais conhecida por Fábrica de Papel de Ruães, junto ao rio Cávado, fundada em 1870, pelo portuense Bento Luís Ferreira Carmo, Visconde de Ruães, para o funcionamento da qual chamou técnicos ingleses. Ver: BANDEIRA, Ana Maria Leitão, Pergaminho e Papel em Portugal - Tradição e conservação. Lisboa, CELPA1995, p. 52 e segs.

10 Ver: PEREIRA, Paula Alexandra, Tese de Mestrado “O Livro Antigo – Aspectos Materiais e Artísticos. Contribuição para o Estudo do Fundo Português da Biblioteca do Professor Doutor José Bayolo Pacheco de Amorim”, pág. 186, Luis Morais Teixeira (orientador) e Horácio Augusto Peixeiro (coorientador), Mediateca Universidade Lusíada, Lisboa (2004).

Marcas-de-água: Filigranas como expressão artística.

O papel utilizado nesta coleção é fabricado manualmente segundo processo conhecido. A pasta de trapo nem sempre apresenta a mesma pureza de matéria celulósica, razão pela qual são visíveis manchas resultantes de materiais estranhos como sujidades, elementos ferrosos e de envelhecimento devido à acidez de pastas pouco refinadas. O estudo e levantamento da marcas-de-água, do ponto de vista formal e iconográfico, é um meio auxiliar para determinar a origem do papel, podendo contribuir, também, para localizar no espaço e no tempo o livro ou documento que o utilize como suporte.

Em Portugal não existe um estudo sistemático relativo às marcas-de-água utilizadas em papéis com documentação manuscrita ou impressa em tipografias portuguesas. Contudo são relevantes as recolhas efetuadas por Ataíde e Melo¹¹ e João Amaral, publicadas em diversos números da revista Beira Alta, a partir de 1949. As figuras mais frequentes aí registadas são: a mão enluvada e suas variantes (com estrela, com flor), as coroas, o licórnio, a flor-de-lis, o escudo, o cacho de uvas, as circunferências tangentes, o veado, o cavalo e outros animais, mas sem identificar na totalidade a proveniência do fabrico de papel com estas marcas.

Ao estudar a indústria portuguesa do papel, Sousa Viterbo¹² identificou aquela que julgava ser a mais antiga referência à produção de papel em Portugal: uma carta de D. Afonso V, de 27 de Fevereiro de 1441, concedendo privilégios a Fernão Rodrigues para poder fazer o transporte de carro, da traparia destinada a certos moinhos de papel situados em Leiria. Quanto à inovação que constitui este fabrico, o nosso país acompanhava, embora com algum atraso, o passo de outras regiões europeias, considerando que a Itália, por exemplo, já produzia o papel desde 1276 e a Alemanha, desde 1390.

No período de tempo que decorre até ao século XVIII, e que se pode considerar como o primeiro período da produção papeleira portuguesa, as informações são escassas sendo a notícia mais próxima datada de 1514, e também identificada por Sousa Viterbo no contexto do Tombo de Bens do Convento da Batalha, fl. 58, onde se diz, referindo-se ao ano acima citado: "...no olival do moinho de papel que traz Pero Álvares..." ou "...no chão dos moinhos de papel...". O mesmo investigador localizou também os moinhos de Fervença, em Alcobaça, que são emprazados, em 1 de Outubro de 1587, por Manuel de Góis, irmão do cronista Damião de Góis, ao Mosteiro, que arrecadava como foro anual duas resmas de bom papel. É este mesmo Manuel de Góis - que não terá deixado de aproveitar os conhecimentos acerca dos modos de produção do papel que o seu irmão humanista adquiriu aquando da sua estadia em Flandres - que se vê contemplado, em 10 de Outubro de 1537, com o privilégio real para produzir

11 Publicado nos Anais das Bibliotecas e Arquivos em 1924-1925 e em separata, como publicação da Biblioteca Nacional, em 1926.

12 VITERBO, Sousa, Artes e indústrias em Portugal: O vidro e o papel. Coimbra, 1903.

papel, consideradas as grandes despesas a seu cargo, quer na manutenção do engenho quer no recrutamento, em terras estrangeiras, dos operários necessários ao seu empreendimento. Mas não ficam por aqui as referências feitas por Sousa Viterbo a engenhos de produção de papel.

Também Dom Sebastião autorizou Manuel Teixeira, em 22 de maio de 1565, a estabelecer em Alenquer uns moinhos de papel¹³. Relativamente a registos de fabrico de papel em Portugal no século XVII algumas notícias são testemunho disso: “Em Carta Régia de 22 de Janeiro de 1623, fala-se de uma consulta do Desembargo do Paço sobre um certo Hieronime Agostini de la Torre que pretendia criar um centro de produção de papel em Lisboa e o rei, em tom protecionista, adverte “que procureis que neste reino se lavre papel por se escusar o proveito que com isto tem o estrangeiro”;

Seguindo o historiador Manuel Severim de Faria, também D. João IV quisera em 1650 fomentar a criação da fabricação de papel em Vila Viçosa e só não o terá feito devido aos problemas das campanhas da Restauração. Em Tomar, ao industrial Pedro Dufour é dado o Alvará de privilégio em 8 de Julho de 1663, para poder montar uns engenhos para obrar folhas de esparto, arame cortante e uma oficina de papel.

Um segundo testemunho, mais rico relativamente à produção de papel, abre-se com a chegada do século XVIII, bem representado na nossa coleção de papéis e marcas-de-água dessa época. O primeiro local com características industriais foi, certamente, a Lousã. Tem-se afirmado que o corregedor de Coimbra, João Neto Arnaut, fundou ali uma fábrica em 1716. É em resultado da instalação deste centro produtor e em reconhecimento da qualidade do material fabricado que D. João V fez mercê de uma tença anual de trinta e oito mil reis a seu filho José Luis Arnaut, por Alvará de 27 de Dezembro de 1716. A fábrica da Lousã abasteceu em Coimbra a Imprensa do Colégio de Jesus e depois a Imprensa da Universidade, após a sua criação pela reforma Pombalina de 1772.

O Regimento da Imprensa da Universidade de Coimbra de 9 de Janeiro de 1790 determina a existência de uma fábrica de papel por sua conta; mas, nesse ano, são ainda adquiridas aos irmãos Polleri, negociantes estabelecidos em Lisboa, algumas balas de papel de marca maior e de marca grande vindo de Génova¹⁴.

A fábrica de papel de Queluz, fundada pela firma Henrique Schumacher & C.^a em 1775, com Alvará de 27 de Julho desse ano, ficava localizada na estrada para Sintra, passando em 1814 para as mãos de Pedro Luís de Oliveira, produzindo exclusivamente para o consumo de Lisboa. Em Moreira de Cónegos, Guimarães, vamos encontrar uma fábrica com o nome de Fábrica de Papel de São Payo,

13 Muitos destes moinhos resultavam, como se compreende e como acontecia noutras regiões europeias, do aproveitamento de engenhos já existentes para o fabrico tradicional de farinha.

14 ALMEIDA, Manuel Lopes de, Livros, livreiros, impressores em documentos da Universidade, Coimbra, Arquivo de Bibliografia Portuguesa, 1964-1966.

fundada em 1787, por António Álvares Ribeiro de Lima & C.^a, do Porto. Próximo existiu, também, a Fábrica de Papel do Couto de Refóios, que em 1813 se encontrava na mão de Manuel José de Sousa Lobo. Nos finais de 1790, é fundada a Fábrica de Papel de Alenquer¹⁵ por José António da Silveira, no mesmo local do antigo moinho quinhentista de Manuel Teixeira, já referido, no início da atividade papeleira no nosso país.

Apesar desta significativa produção da indústria papeleira, em Portugal, parece que não seria em quantidades suficientes a ponto de satisfazer as necessidades da imprensa portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII, importando-se grandes quantidades de outros países da Europa, como Espanha, Itália, em especial Génova, e França, cujo testemunho são as marcas encontradas nos documentos da biblioteca.

O ensaio, que apenas iniciei, do estudo das marcas-de-água existentes nesta biblioteca, não pôde ir mais além do que a recolha em catálogo juntamente com algumas identificações de motivos. As conclusões relativamente às origens do papel, importado ou nacional, exigiam um estudo mais atento e alargado. Foi possível, numa forma rápida, estabelecer algumas comparações¹⁶, chegando a concluir, relativamente a algumas, sobre a época, a identidade de simbologias e, daí, a proveniência dos papéis e, no que toca à encadernação, por via dos papéis utilizados, verificar se se tratava da original ou duma reencadernação posterior e ainda, apontar para a hipótese do fabricante, a identificação do formato e da qualidade do papel, etc.

Vejamos algum dos tipos de marcas-de-água encontradas na coleção estudada:

Balança - Esta filigrana era habitualmente utilizada em Fabriano (entre 1375 a 1560); no entanto, as variantes que aparecem em Génova (34 anos após o aparecimento em Fabriano) apresentam grandes semelhanças com a marca mais antiga de 1375. Entre 1349 e 1366 apareceu em Dauphiné e entre 1389 e 1392 em Lyon.

15 Outras fábricas importantes surgiram no século XIX, que caem, portanto, fora do âmbito temporal do nosso trabalho, tais como em 1818 a Fábrica Renova de Torres Novas, nas margens do rio Almonda, no lugar de Zibreira, fundada por Domingos Ardisson; a Fábrica de Papel do Prado, em Tomar, junto ao rio Nabão, fundada por Henrique de Roure Pietra em 1836 e vendida em 1875 a um grupo de capitalistas do Porto; em 1881 a Fábrica da Marianaia, fundada pelo Visconde de Vila Nova da Rainha e a Fábrica do Sobreirinho, do concelho de Tomar, aproveitavam as águas do rio Nabão; a Fábrica de São Paio de Merelim em Braga, mais conhecida por Fábrica de Papel de Ruães, junto ao rio Cávado, fundada em 1870, pelo portuense Bento Luís Ferreira Carmo, Visconde de Ruães, para o funcionamento da qual chamou técnicos ingleses. Ver: BANDEIRA, Ana Maria Leitão, Pergaminho e Papel em Portugal - Tradição e conservação. Lisboa, CELPA1995, p. 52 e segs.

16 Ver: BRIQUET, Charles Moise, Monumenta Chartae Papyraceae Historiam illustrantia - Briquet's Opuscula - I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII.;

GAUDRIAULT, Raymond, Filigranes et autres caractéristiques des papiers fabriqués en France aux XVII et XVIII siècles. Paris, Éditions du CNRS, 1995; DOIZY, Marie-Ange e FULACHER, Pascal, Papiers et moulins – des origines à nos jours. Paris, Éditions Art & Métiers du Livre, 1997.

Boi - A representação do boi foi utilizada como filigrana na primeira metade do século XIV. Aparece na Suíça em 1333, em Fabriano em 1341, no Delfinado e Lyon em 1347 e na Provença em 1354. A partir de 1430 até ao final do século XV, esta marca aparece com grande frequência e com algumas variantes, no Piemonte, na Savoia, no Delfinado, em Lyon e na Suíssa. Juntamente com o boi poderá aparecer, também, uma figura humana representando as armas da respetiva cidade.

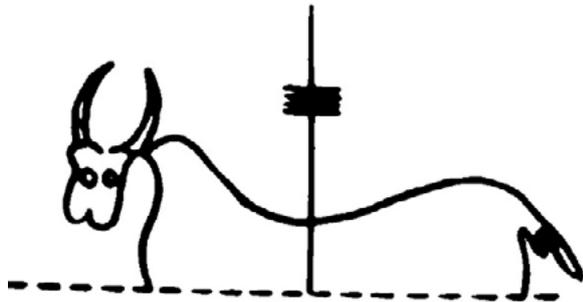


Fig. 1

Doc.: Joaquim José Moreira de Mendonça, História Universal dos Terramotos - Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1758.

PA 16001

Cota: R IPT 1001800

Descrição: Boi



Fig. 2

Doc.: Portugal, Regimento do Terreiro da cidade de Lisboa - Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1779.

PA 04406

Cota: J77 IPT 1001744

Descrição: Cavalo

Cavalo - Filigrana utilizada em Fabriano em 1347, Delfinado em 1349, em Lyon em 1366, na Suíça (Neuchâtel) em 1375.

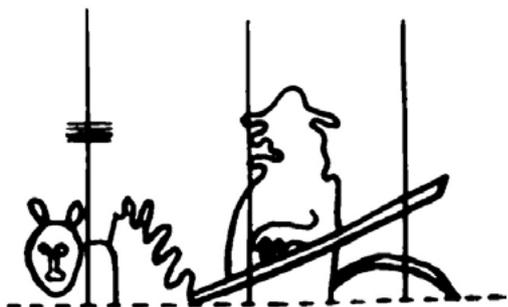


Fig. 3

Doc.: Joaquim José Moreira de Mendonça, História Universal dos Terramotos - Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1758.

PA 16001

Cota: R IPT 1001800

Descrição: Cavalo

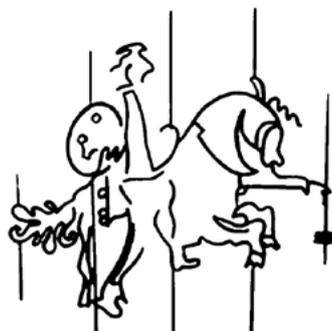


Fig. 4

Doc.: Portugal, Regimento do Terreiro da cidade de Lisboa - Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1779.

PA 04406

Cota: J77 IPT 1001744

Descrição: Cavalo

Crescente por cima de duas luas - Aparecem algumas variantes entre 1626 e 1643. É normalmente designada sobre o nome “Tre Mondì” em Génova, “Trois lunes” em Veneza e “Trois O” em France e Piemonte.

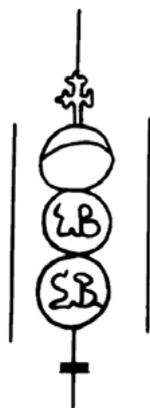


Fig. 5

Doc.: Igreja Católica, Constituições synodales do arcebispado de Braga: ordenadas no ano de 1639 - Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1697.

PA 00921

Cota:1001693 P 132

Descrição: Três circunferências tangentes, perpendicularmente dispostas, sob uma cruz, tendo a primeira circunferência um arco, a segunda as iniciais EB, e a terceira com as iniciais SB.

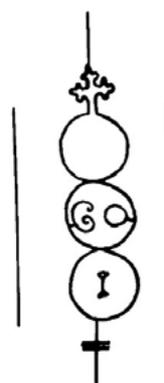


Fig. 6

Doc.: Igreja Católica, Constituições synodales do arcebispado de Braga: ordenadas no ano de 1639 - Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1697.

PA 00921

Cota:1001693 P 132

Descrição: Três circunferências tangentes, perpendicularmente dispostas, sob uma cruz, tendo a primeira circunferência um arco, a segunda as iniciais CO, e a terceira a inicial I.

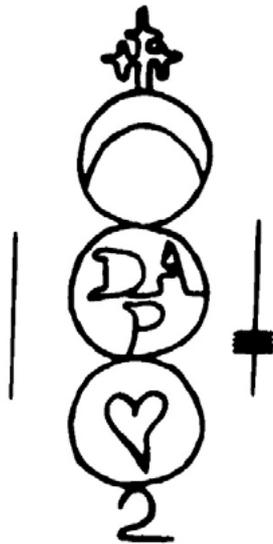


Fig. 7

Doc.: Igreja Católica, Leis, decretos synodales ...
- Lisboa Ocidental, Oficina da Musica, 1722.

PA 07136

Cota: P 132 IPT 1001737

Descrição: Três circunferências tangentes, perpendicularmente dispostas, sob uma cruz, tendo a primeira circunferência um arco, a segunda as iniciais DA/P, e na terceira um coração sob o 2.

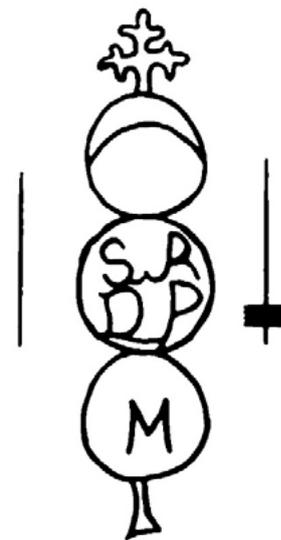


Fig. 8

Doc.: Igreja Católica, Leis, decretos synodales ...
- Lisboa Ocidental, Oficina da Musica, 1722.

PA 07136

Cota: P 132 IPT 1001737

Descrição: Três circunferências tangentes, perpendicularmente dispostas, sob uma cruz, tendo a primeira circunferência um arco, a segunda as iniciais SR/DP, e a terceira a inicial M.

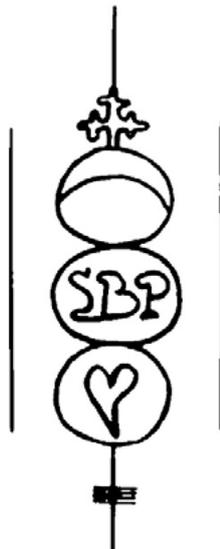


Fig. 9

Doc.: Direito, João Pinto Ribeiro - Coimbra,
Oficina de Joseph Antunes da Sylva, 1729.
PA 00977

Cota: R IPT 1001755

Descrição: Três circunferências tangentes,
perpendicularmente dispostas, sob uma cruz,
tendo a primeira circunferência um arco, a
segunda as iniciais SBP, e na terceira um
coração.

Fig. 10

Doc.: Igreja Católica, Hagiologia - Lisboa
Occidental, Oficina Craesbeekiana, 1652.
PA 05509

Cota: P 132 IPT 1001714

Descrição: Três circunferências tangentes
dispostas verticalmente sob uma coroa, tendo
a primeira uma cruz no campo, a segunda as
iniciais MB e a terceira um 8.

Armas de Génova - Filigrana muito utilizada na Provença entre 1629 e 1675. Encontra-se, frequentemente, com algumas variantes nas cartas da chancelaria espanhola em Madrid, Bruxelles e Molines entre 1670 e 1680, assim como variantes com as iniciais dos fabricantes.

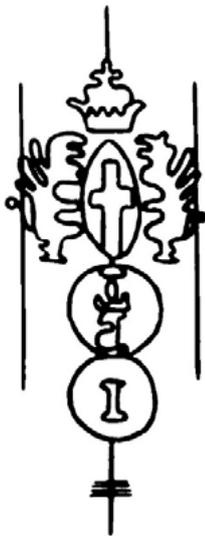


Fig. 11

Doc.: Igreja Católica, Ordem de Cristo - Lisboa,
Oficina de Pedro Craesbeeck, 1628.

PA 00332

Cota: P 136 IPT 1001747

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz
alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse
que tem na parte inferior duas circunferências
tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira
a representação das iniciais Id, e na segunda a
inicial I.

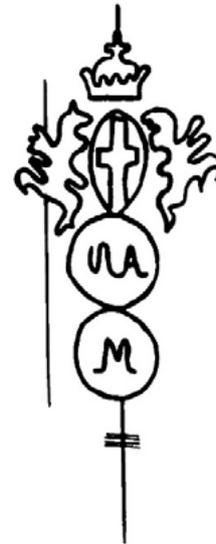


Fig. 12

Doc.: História de Portugal, Chronica dos Reys de
Portugal - Lisboa, Oficina de Francisco Villela,
1677.

PA 01307

Cota: J 77 IPT 1001743

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz
alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse
que tem na parte inferior duas circunferências
tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira
a representação das iniciais NA, e na segunda a
inicial M.

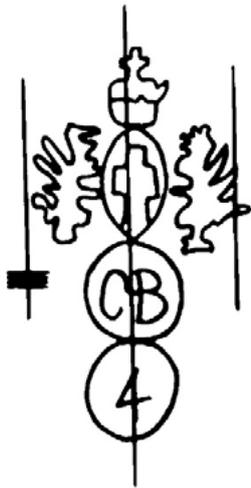


Fig. 13

Doc.: História de Portugal, Chronica dos Reys de Portugal - Lisboa, Oficina de Francisco Villela, 1677.

PA 01307

Cota: J 77 IPT 1001743

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação das iniciais CB, e na segunda o 4.



Fig. 14

Doc.: História de Portugal, Chronica dos Reys de Portugal - Lisboa, Oficina de Francisco Villela, 1677.

PA 01307

Cota: J 77 IPT 1001743

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação das iniciais CAM, e na segunda a inicial S.

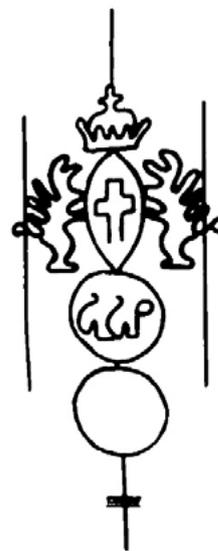


Fig. 15

Doc.: História / Roma Antiga, Emanuel Ludovico
- Eborae, Typographia Academiae, 1680.

PA 01308

Cota: M 105 IPT 1001723

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação de um símbolo, e na segunda a inicial S.



Fig. 16

Doc.: História / Roma Antiga, Emanuel Ludovico
- Eborae, Typographia Academiae, 1680.

PA 01308

Cota: M 105 IPT 1001723

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação das iniciais GGP, e a segunda com campo vazio.



Fig. 17

Doc.: História / Roma Antiga, Emanuel Ludovico
- Eborae, Typographia Academiae, 1680.

PA 01308

Cota: M 105 IPT 1001723

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação das iniciais CD, e na segunda a inicial P.



Fig. 18

Doc.: Igreja Católica, Manuel Fernandes, Alma
instruída na doutrina e vida cristã - Lisboa, 1688.

PA 07664

Cota: P 136 IPT 1001777

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação das iniciais PGC, e na segunda o 4.





Fig. 19

Doc.: Igreja Católica, Manuel Fernandes, Alma instruída na doutrina e vida cristã - Lisboa, 1688.
PA 07664

Cota:P 136 IPT 1001777

Descrição: Elipse, tendo no campo uma cruz alta sob coroa. Dois leões suportam a elipse que tem na parte inferior duas circunferências tangentes, dispostas verticalmente. Na primeira a representação das iniciais SM, e a segunda com campo vazio.

Flor de Lis - Aparece em Fabriano desde 1314 a 1363, no Delfinado entre 1344 a 1370, na Provença entre 1348 a 1358, em França, em geral, em 1364. Nos finais do século XIV é bastante utilizada com dimensões variáveis.

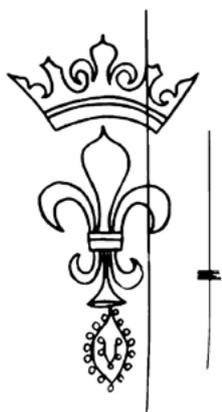


Fig. 20

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.
PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Flor de Lis, sob coroa de marquês.

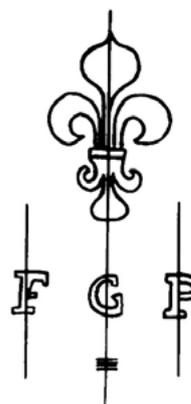


Fig. 21

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.
PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Flor de Lis, tendo na parte inferior o monograma FGP.

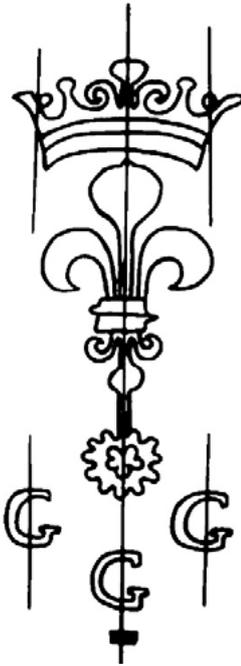


Fig. 22

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analitica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Flor de Lis, tendo na parte inferior o monograma GG/G.

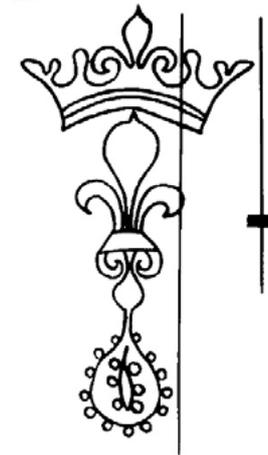


Fig. 23

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analitica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Flor de Lis, sob coroa de marquês.

Mão - Pode ser representada com dedos, falanges dos dedos, etc, normalmente abertos ou cerrados uns contra os outros. A mão foi utilizada como filigrana desde os séculos XIV ao XVIII. Entre 1322 e 1456 é representada com algumas variantes em Fabriano, St. Gall em 1411, Sion entre 1448 e 1449, Lyon em 1470, Turim entre 1481 e 1485, e Barcelona entre 1534 e 1540.



Fig. 24

Doc.: Ordens Militares / Cavalaria, Jorge Royzano, Ordem Militar de São Bento de Avis- Lisboa, 1631
PA 07633

Cota:1001691 J

Descrição: Mão enluvada sob coroa.

Sol - Esta filigrana foi utilizada entre 1589 e 1593.

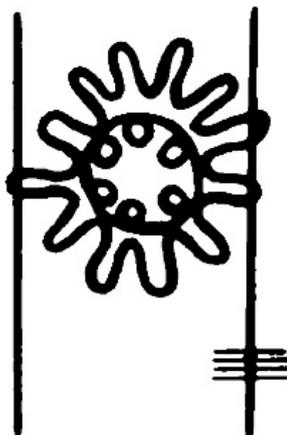


Fig. 25

Doc.: Igreja Católica, Ordem de Cristo - Lisboa, Oficina de Pedro Craesbeeck, 1628.

PA 00332

Cota: P 136 IPT 1001747

Descrição: Sol.

Coroa - A coroa, na sua forma mais primitiva, aparece, com frequência, nas filigranas de “Trois Monts” no primeiro quartel do século XIV, na Provença e no Delfinado, em Genebra de 1320 a 1350, em Fabriano em 1358, em Francforte em 1392, em Zuriche em 1427 e em Sion em 1434.

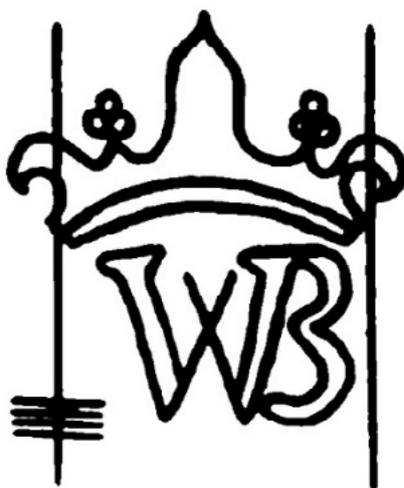


Fig. 26

Doc.: Igreja Católica, Leis, decretos synodales ... - Lisboa Ocidental, Oficina da Musica, 1722.

PA 07136

Cota: P 132 IPT 1001737

Descrição: Iniciais WB sob coroa

Elipse encimada por trifólio - Encontra-se frequentemente com algumas variantes (iniciais de fabricantes), em Bayone (1598-99), Paris (1600), Bordeaux (1604).

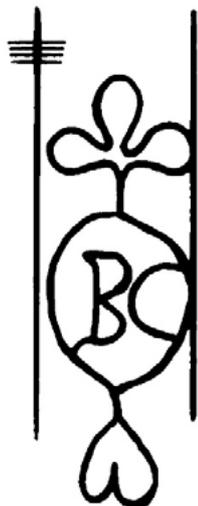


Fig. 27

Doc.: Igreja Católica, Ordem de Cristo - Lisboa, Oficina de Pedro Craesbeeck, 1628.

PA 00332

Cota: P 136 IPT 1001747

Descrição: Elipse, tendo no campo as iniciais BC, encimada por um trifólio, e na parte inferior um coração invertido.

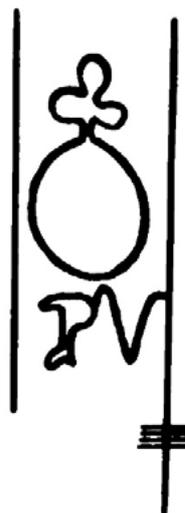


Fig. 28

Doc.: Igreja Católica, Ordem de Cristo - Lisboa, Oficina de Pedro Craesbeeck, 1628.

PA 00332

Cota: P 136 IPT 1001747

Descrição: Elipse, com campo vazio, encimada por um trifólio, e na parte inferior as iniciais PV.



Fig. 29

Doc.: Ordens Militares / Cavalaria, Jorge Royzano, Ordem Militar de São Bento de Avis- Lisboa, 1631.

PA 07633

Cota:1001691 J

Descrição: Elipse, tendo no campo iniciais, encimada por um trifólio, e na parte inferior um coração invertido.

Outras representações encontradas nos documentos estudados na biblioteca, embora incompletas, revelam informações artísticas relevantes sobre o ponto de vista técnico e científico, associadas a representações heráldicas tão comumente representadas no decorrer da nossa história. A divulgação de emblemas destinados a diferenciar determinadas pessoas, é muito comum no estudo destes registos como: escudos (Fig.30), (Fig.31), brasões (Fig.32), (Fig.33), (Fig.34), frutos, animais (Fig.35), monogramas e nomes de fábricas (Fig.36), (Fig.37), (Fig.38), (Fig.39), (Fig.40), (Fig.41), (Fig.42), (Fig.43), (Fig.45), que mesmo com desenhos simples e lineares, frequentemente deformados pelo uso continuado na manufatura das folhas de papel, são expressões artísticas que refletem as tendências da história da arte, que predominavam nas épocas em que foram elaboradas sendo elementos essenciais no estudos da produção de papel.

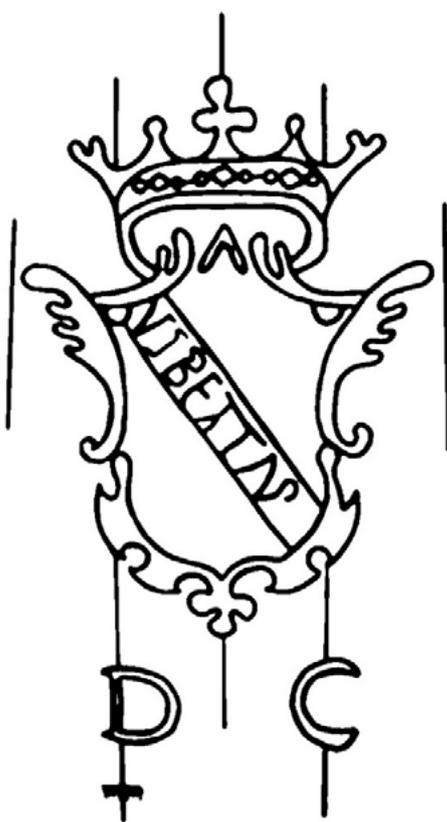


Fig. 30

Doc.: Direito, João Pinto Ribeiro - Coimbra, Oficina de Joseph Antunes da Sylva, 1729.

PA 00977

Cota: R IPT 1001755

Descrição: Escudo decorado com palmas e com uma faixa onde se pode ler a palavra LIBERTAS, sob coroa e na parte inferior as iniciais DC.

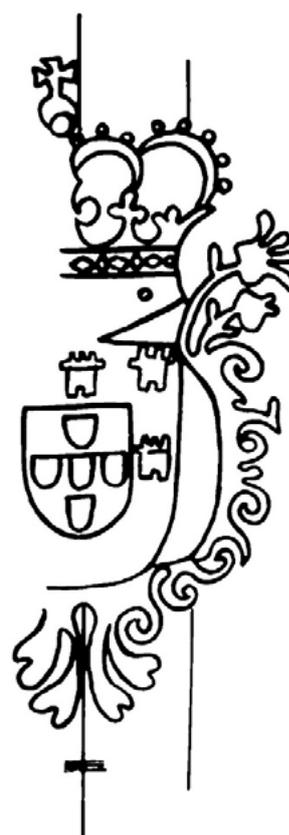


Fig. 31

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analitica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Escudo decorado com motivos vegetalistas, sob coroa encimada por uma cruz.

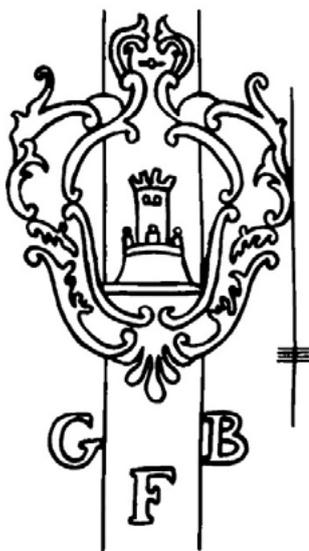


Fig. 32

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analitica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: representação figurativa com torre ao centro e monograma GF/B.

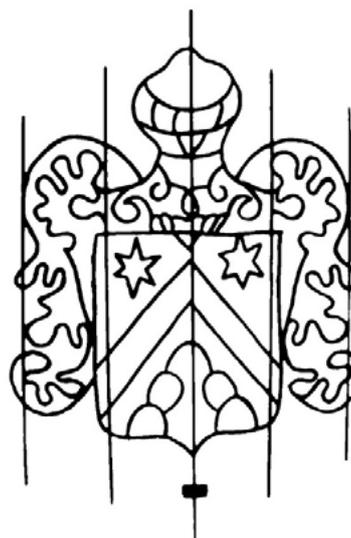


Fig. 33

Doc.: História de Portugal, Manuel de Faria e Sousa, Asia Portuguesa - Lisboa, Oficina de Bernardo da Costa Carvalho, 1703.

PA 00982

Cota: L IPT 1001788



Fig. 34

Doc.: Portugal, Regimento do Terreiro da cidade de Lisboa - Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1779.

PA 04406

Cota: J77 IPT 1001744



Fig. 35

Doc.: Igreja Católica, Constituições synodales do arcebispado de Braga: ordenadas no ano de 1639 - Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1697.

PA 00921

Cota:1001693 P 132

Descrição: Galinha.



Fig. 36

Doc.: Ordens Militares / Cavalaria, Jorge Royzano, Ordem Militar de São Bento de Avis- Lisboa, 1631.

PA 07633

Cota:1001691 J

Descrição: Marca representativa de nome de fábrica ou fabricante de papel. Encontra-se com algumas variantes em Bolonha em 1954.

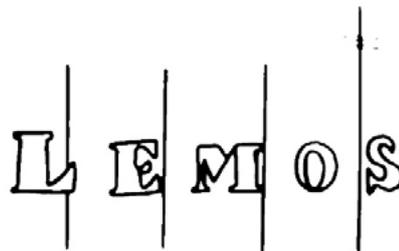


Fig. 37

Doc.: Ordens Militares / Cavalaria, Jorge Royzano, Ordem Militar de São Bento de Avis- Lisboa, 1631.

PA 07633

Cota:1001691 J

Descrição: Marca representativa de nome de fábrica ou fabricante de papel. Esta filigrana apresenta-se insuficiente para a determinação da sua verdadeira origem.



Fig. 38

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Monograma das iniciais CGM.

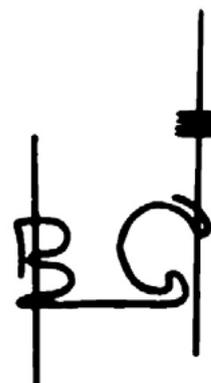


Fig. 39

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota:K 110 IPT 1001807

Descrição: Monograma das iniciais BC.



Fig. 40

Doc.: Joaquim José Moreira de Mendonça, História Universal dos Terramotos - Lisboa, Oficina de António Vicente da Silva, 1758.

PA 16001

Cota: R IPT 1001800

Descrição: Monograma das iniciais DCB

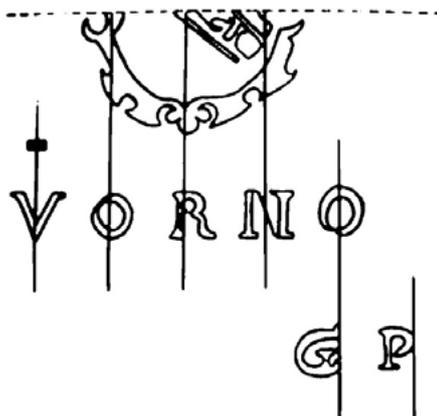


Fig. 41

Doc.: Igreja Católica / Opúsculo, Papa Benedito XIV- Coimbra, 1759.

PA 15609

Cota: O 128 IPT 1001772

Descrição: parte de filigrana constituída por um escudo decorado com palmas e com uma faixa onde se pode ler a palavra LIBERTAS, sob coroa e na parte inferior a legenda VORNO com as iniciais GP.



Fig. 42

Doc.: História eclesiástica Lusitânia, Thoma Abincarnatione - Coimbra, 1763.

Cota: P 135 IPT 1001699

Descrição: Monograma das iniciais SP.



Fig. 43

Doc.: Igreja católica/ Hagiologia, Dom Tomás Caetano, Vida de santo André Avellino - Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767.

PA 10932

Cota: O 127 IPT 1001751

Descrição: Esta filigrana poderá representar um monograma das iniciais CC representadas de forma oposta, ou um monograma da inicial X.

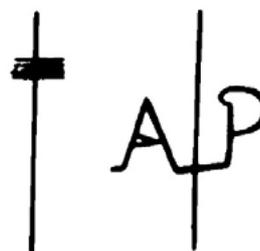
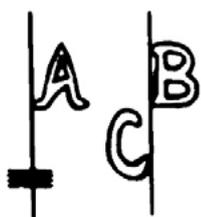


Fig. 44

Doc.: Igreja católica/ Hagiologia, Dom Tomás Caetano, Vida de santo André Avellino - Lisboa, Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1767.

PA 10932

Cota: O 127 IPT 1001751

Descrição: Monograma das iniciais ABC

Fig. 45

Doc.: História de Portugal / Viagens, Guilherme Lempriere, Viagens de Gibraltar a Tangere, ... - Lisboa, Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1794.

PA 04008

Cota: J 76 IPT 1001813

Descrição: Monograma das iniciais AP.

No entanto, as marcas-de-água encontradas no fundo em análise revelam-nos que, uma boa parte das edições pertencentes à Biblioteca do Professor Doutor Pacheco de Amorim, foram impressas em papéis importados. De notar, ainda, que as marcas-de-água nacionais, apresentam alguma figuração (como o escudo das armas reais ladeados de porta estandarte, coroas, e ramagens), (Fig.46) (Fig.47) (Fig.48) sem qualquer indicação de iniciais de fabricantes ou zona de fabrico, exceto no caso da Fábrica da Lousã, (Fig.49).

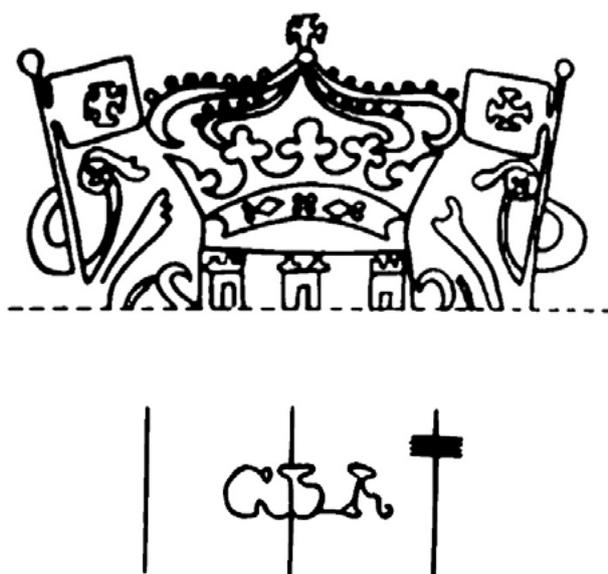


Fig. 46

Doc.: Igreja católica/ Canonização, Relação das magníficas festas de S. Camilo de Lellis - Lisboa, Oficina de Francisco da Silva, 1747.

PA 15405

Cota: 1001670 O 127

Descrição: Escudo de armas portuguesas, encimado com uma cruz decorado lateralmente com porta-estandarte e as iniciais CBR.



Fig. 47

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota: K 110 IPT 1001807

Descrição: Escudo de armas portuguesas, encimado com uma cruz e decorado lateralmente com porta-estandarte.



Fig. 48

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota: K 110 IPT 1001807

Descrição: Escudo de armas portuguesas, encimado com uma cruz e decorado lateralmente com porta-estandarte.

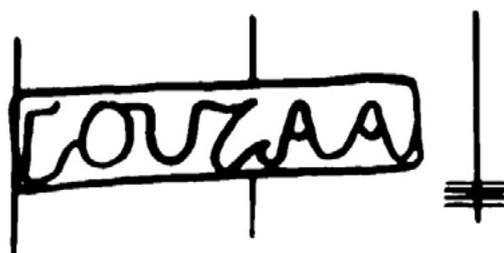


Fig. 49

Doc.: Matemática, Manuel de Azevedo Fortes, Logica racional, geometria e analítica - Lisboa, Oficina de António José Plates, 1744.

PA 07140

Cota: K 110 IPT 1001807

Descrição: Filigrana representativa da fábrica de papel da Lousã.

Conclusão

Uma biblioteca é um manancial não só de informação mas de contínuas surpresas e descobertas. Na verdade, se a proposta inicial deste trabalho não ia além de um levantamento que servisse de bom ponto de partida para futuros estudos sobre o livro antigo em Portugal, o certo é que a Biblioteca do Professor Doutor Pacheco de Amorim se revelou particularmente rica de tal forma que foi necessário estabelecer limites para a minha abordagem.

O papel está sempre em primeiro lugar como base de impressão, mas percorre todo o processo produtivo do livro impresso. Por isso, encontra-se frequentemente, quer nas guardas, quer recobrando os planos das encadernações. A originalidade desta presença final vem-lhe do facto de não ser, sobretudo, suporte de texto mas elemento decorativo que introduz colorido nesta arte em que prevalece o branco e o negro. Mas o papel, suporte do livro, transporta consigo, informação relevante, como se viu. Na malha mais ou menos densa de vergaturas e pontusais dissimulam-se as marcas-de-água, dados importantes no estudo das edições e elementos essenciais na identificação de fabricantes portugueses¹⁷ mas também como um dado iconográfico, despido, embora, da qualidade artística do desenho ou da gravura.

17 MELO Ataíde e, "Materiais para a identificação de documentos manuscritos e impressos em papel até final do século XIX em Portugal", Anais das Bibliotecas e Arquivos. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Vol. V, n.ºs 19 e 20, Julho-Dezembro, 1924. O autor apresenta uma marca de água (p. 168) representando o escudo com as armas reais portuguesas com uma legenda em italiano (1762), [CARTA PER LA REAL CORTE DI PORTOCAL] levantando a hipótese de papel fabricado em Itália por encomenda directa da coroa portuguesa. A presença de elementos iconográficos específicos há-de ser vista com alguma cautela e confrontada, por exemplo, com o nome da fábrica papeleira ou as iniciais do produtor, ou como é o caso apresentado por Ataíde e Melo, com legenda em língua vernácula. Apenas em duas marcas de água presumivelmente portuguesas se encontraram letras: numa a palavra Lousã, na outra, com o escudo real, as iniciais C B R.

É relevante, igualmente, verificar que, no fundo português estudado, existe uma grande percentagem de edições em papel estrangeiro, cerca de 60% dos papéis identificados, dos quais 25% representam as “armas de Génova”, 15% o “crescente por cima de duas luas” e “flor-de-lis”, o que mostra a importância da importação do papel, especialmente no século XVII, por razões de quantidade e, provavelmente, de qualidade em relação ao papel nacional. A crescente utilização de papel nacional durante o século XVIII (20 %) relativamente ao século anterior (10%), poderá ser devido à implementação da indústria papelreira que o regime protecionista favorecia.

Resultante dum processo produtivo, organizado precocemente de forma moderna¹⁸, na adequada distribuição dos espaços, na beleza da sua tipografia, observável no desenho e diversidade dos corpos utilizados, na presença simultaneamente funcional e estética do ornato em os frontispícios, as iniciais, as vinhetas, as estampas reproduzindo paisagens, retratos, arquiteturas, iconografia religiosa, motivos heráldicos, marcas de impressor e ex-libris, e até as marcas-de-água, formas quase invisíveis, ao mesmo tempo textura e cenário, na encadernação mais ou menos faustosa por via da presença do ouro e do colorido do papel, o livro mostra-se, nesta biblioteca, como objeto passível duma apreciação estética. Enquanto no livro manuscrito se podia falar de pintura de manuscritos e, portanto, a sua valorização tinha a ver com o parentesco que estabelecia com essa arte maior, no livro impresso, dependendo embora de pintores, desenhadores, gravadores, calígrafos e desenhadores de letra, podemos pressentir uma artisticidade que resulta mais da conceção e, portanto, da afirmação da sua autonomia. Por isso contribui até para conceber a arte de forma nova, não apenas como produção mas também como reprodução, que a modernidade recuperará, por via do design.

A grande vantagem do livro, relativamente a outros meios de comunicação mais fugazes, é o de permitir-nos, facilmente, como amigo silencioso, regressar sempre ao início, percorrendo o caminho desenhado pelo escritor e pelo editor.

Para o leitor e o estudioso fica sempre algo a descobrir nesta “arte negra” que teima em sobreviver, ainda que alguns lhe tenham vindo a prognosticar a morte eminente.

¹⁸ A produção do livro institui, desde o seu início, uma organização do trabalho assente na conjugação de esforços duma equipa, na divisão de tarefas especializadas e na produção em série, características que a restante indústria havia de incorporar mais tarde. Também, deste ponto de vista, o livro é um produto avançado e moderno.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Manuel Lopes de, *Livros, livreiros, impressores em documentos da Universidade*, Coimbra, Arquivo de Bibliografia Portuguesa, 1964-1966.

AUDIN, Maurice, *Histoire de l'Imprimerie - Radioscopie d'une ère: de Gutenberg à l'informatique*. Paris, J. Picard, 1972, pp. 83-94.

BANDEIRA, Ana Maria Leitão, *Pergaminho e Papel em Portugal - Tradição e conservação*. Lisboa, CELPA1995, p. 52 e segs.

MARTIN, Henri-Jean, *Histoire et pouvoir de l'écrit*, Paris, Perrin, 1988.

MELO Ataíde e, "Materiais para a identificação de documentos manuscritos e impressos em papel até final do século XIX em Portugal", *Anais das Bibliotecas e Arquivos*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Vol. V, n.ºs 19 e 20, Julho-Dezembro, 1924.

PANOFSKY Erwin relacionou a arte gótica e a filosofia escolástica (PANOFSKY Erwin, *Architecture Gotique et Pensée scolastique*, trad. e posfácio de Pierre Bourdieu. Paris, Ed. de Minuit, 1974). PEREIRA, Paula Alexandra, Tese de Mestrado "O Livro Antigo – Aspectos Materiais e Artísticos. Contribuição para o Estudo do Fundo Português da Biblioteca do Professor Doutor José Bayolo Pacheco de Amorim", pág. 186, Luis Morais Teixeira (orientador) e Horácio Augusto Peixeiro (coorientador), Mediateca Universidade Lusíada, Lisboa (2004).

VITERBO, Sousa, *Artes e indústrias em Portugal: O vidro e o papel*, Coimbra, 1903.